



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

“SÓ COMEÇAR EMBRAZAN[D]O CONTIGO”: UM ESTUDO PILOTO SOBRE A
AVALIAÇÃO DA OCLUSIVA PRECEDIDA DE VOGAL NASAL NO FALAR
CARIOCA

Ísis Garcia Bastos Silva

Rio de Janeiro, 2021

“SÓ COMEÇAR EMBRAZAN[D]O CONTIGO”: UM ESTUDO PILOTO SOBRE A
AVALIAÇÃO DA OCLUSIVA PRECEDIDA DE VOGAL NASAL NO FALAR
CARIOCA

Ísis Garcia Bastos Silva

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito para
obtenção do título de Licenciado em
Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alexandre Silva
Lopes de Melo

Faculdade de Letras / UFRJ

2021

Silva, Ísis Garcia Bastos.

“Só começar embraza[n]d]o contigo”: um estudo piloto sobre a avaliação da oclusiva precedida de vogal nasal no falar carioca / Ísis Garcia Bastos Silva. – Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2021.

40 fls.

Orientador: Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo

Monografia (graduação em Letras, habilitação em Português/Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras. 2021.

Referências Bibliográficas: fls. 39 – 40.

1. Avaliação social 2. Oclusiva precedida de vogal nasal 3. Variação linguística 4. Teoria de Exemplares

I. Melo, Marcelo Alexandre Silva Lopes de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. III. “Só começar embraza[n]d]o contigo”: um estudo piloto sobre a avaliação da oclusiva precedida de vogal nasal no falar carioca.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela vida, saúde e oportunidade de concluir essa etapa.

Ao meu orientador, Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo, por toda a paciência, ajuda e inspiração desde o início da graduação até a conclusão desse trabalho.

À minha mãe, Theresa, por ter me proporcionado tudo que eu sempre precisei e além.

Ao meu pai, Geraldo (*in memoriam*), que sempre esteve ao meu lado.

Ao Douglas, pelo companheirismo, amor e apoio incondicional que me completam.

Ao meu irmão, André, que traz alegria aos meus dias.

Aos meus padrinhos, Regina e Marcos, que sempre foram segundos pais para mim e contribuíram para minha formação pessoal e acadêmica.

Aos professores que acompanhei nos meses de estágio, Marcella Loretto, Márcia Bork, Janaína Rebello e Ulysses Nazareno, pela contribuição fundamental à minha formação.

Aos participantes voluntários do teste de percepção, sem os quais esse trabalho não seria desenvolvido.

Às minhas amigas de longa data, por me ajudarem nessa pesquisa e por sempre estarem comigo, não importa a distância.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte da minha formação.

RESUMO

SILVA, Ísis Garcia Bastos. **“Só começar embraza[n]do contigo”**: um estudo piloto sobre a avaliação da oclusiva precedida de vogal nasal no falar carioca. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2021.

A presente pesquisa aborda a avaliação social da oclusiva precedida de vogal nasal – vN(d)o – na comunidade de fala do Rio de Janeiro, com o objetivo de investigar um possível estigma na ausência da consoante oclusiva nesse ambiente. A variável em questão já foi objeto de estudo em diferentes variedades do português brasileiro (PB), com dados de produção (FERREIRA, 2010; FERREIRA, TENANI & GONÇALVES, 2012; FREITAG, CARDOSO e PINHEIRO, 2018; GONÇALVES, 2018; MOLLICA & MATTOS, 1992). A partir dos resultados, alguns estudos apontam que a ausência da oclusiva seria a variante estigmatizada, tendo em vista que a ausência é mais observada entre falantes de menor escolaridade e de classes sociais mais baixas (GONÇALVES, 2018). Assim, tendo em vista a ausência de estudos de percepção sobre a variável, realizou-se, para este trabalho, um teste de percepção de forma remota com participantes voluntários de nível universitário do Rio de Janeiro, que escutaram 24 sentenças com a variável – sendo 08 com a oclusiva, 08 sem a oclusiva e 08 distratoras – gravadas por uma suposta candidata a âncora de jornal e avaliaram, em uma escala de aceitabilidade de 01 a 07, a sua aptidão para o cargo. Após a realização dos testes, os dados foram coletados e analisados com base no sexo dos falantes, a classificação gramatical, a conjugação verbal, a frequência de uso dos itens, a extensão dos vocábulos e as próprias variantes da variável vN(d)o. Os resultados da análise apontaram que, apesar de haver maior penalização dos itens sem a oclusiva em grande parte das variáveis, necessita-se de mais aprofundamento quanto a esse fenômeno em estudos futuros sobre percepção, sobretudo em relação a itens não-verbais e aos impactos da frequência na avaliação das variantes.

Palavras-chave: avaliação social, oclusiva precedida de vogal nasal, variação linguística, Teoria de Exemplares.

ABSTRACT

SILVA, Ísis Garcia Bastos. **“Só começar embraza[n]do contigo”**: um estudo piloto sobre a avaliação da oclusiva precedida de vogal nasal no falar carioca. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2021.

The present research approaches the social evaluation of the stop consonant preceded by a nasal vowel – $vN(d)o$ – in the Rio de Janeiro speech community, aiming to investigate a possible stigma in the absence of the stop consonant in this variable. The variable in question has already been studied in different varieties of Brazilian Portuguese, with production data (FERREIRA, 2010; FERREIRA, TENANI & GONÇALVES, 2012; FREITAG, CARDOSO e PINHEIRO, 2018; GONÇALVES, 2018; MOLLICA & MATTOS, 1992). From the results, some studies indicate that the absence of the stop would be the stigmatized variant, considering that the absence is more observed among speakers from lower social classes and with less education (GONÇALVES, 2018). Thus, given the absence of studies on the perception of the variable, for this work, a perception test was carried out remotely with volunteer university-level participants from Rio de Janeiro, who listened to 24 sentences with the variable – 08 with the stop, 08 without the stop, and 08 distractors. The sentences were recorded by a supposed candidate for the role of a newspaper anchor, and the participants evaluated her suitability for the position on a scale from 01 to 07. After performing the tests, data were collected and analyzed based on the gender of the speakers, as well as the part of speech, verb conjugation, frequency of the items, word extension, and the $vN(d)o$ variants. The results of the analysis pointed out that although the items without the stop are more penalized in most variables, further research on this phenomenon is needed in future studies on perception, especially concerning non-verbal items and the frequency impacts on the evaluation of variants.

Keywords: social evaluation, stop consonant preceded by nasal vowel, linguistic variation, Usage-based Theory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	12
1.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	12
1.2 AVALIAÇÃO DA VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	14
1.3. PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO: UMA ORGANIZAÇÃO EM EXEMPLARES	16
SÍNTESE.....	18
2. ESTUDOS SOBRE A VARIÁVEL	20
2.1. A REALIZAÇÃO DE /D/ EM DIFERENTES VARIEDADES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	20
2.2. A REALIZAÇÃO DE /D/ NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO.....	23
SÍNTESE.....	25
3. METODOLOGIA.....	26
3.1. DESIGN DO TESTE	26
3.2. PROGRAMA PARA ANÁLISE.....	29
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	31
5. CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

Lista de tabelas

TABELA 01: DISTRIBUIÇÃO GERAL DE RESPOSTAS POR VARIANTE	31
TABELA 02: DISTRIBUIÇÃO GERAL DE RESPOSTAS POR VARIANTE E SEXO	32
TABELA 03: DISTRIBUIÇÃO GERAL DE RESPOSTAS POR VARIANTE E CONJUGAÇÃO VERBAL	33
TABELA 04: DISTRIBUIÇÃO GERAL DE RESPOSTAS POR VARIANTE E ITENS	33
TABELA 05: DISTRIBUIÇÃO GERAL DE RESPOSTAS POR LISTAS: VARIANTES E FREQUÊNCIA.....	34

Lista de quadros

QUADRO 01. ESTÍMULOS DO TESTE DE AVALIAÇÃO VN(D)O.....26

QUADRO 02. LISTA DE SENTENÇAS VERBAIS PARA O TESTE DE AVALIAÇÃO DE ITENS COM VN(D)O.....28

QUADRO 03. LISTA DE SENTENÇAS NÃO-VERBAIS PARA O TESTE DE AVALIAÇÃO DE ITENS COM VN(D)O28

INTRODUÇÃO

A ideia para o presente estudo partiu de uma análise da música “Vai Malandra”, cantada principalmente por Anitta e MC Zaac. Na canção, pode-se identificar duas formas distintas de realização de itens verbais com morfema de gerúndio (-ndo): com a presença ou ausência da oclusiva [d]. Enquanto Anitta, cantora internacional de pop nascida em Honório Gurgel, Rio de Janeiro, realiza a oclusiva em todos os verbos em gerúndio (olhan[d]o, embrazan[d]o, brincan[d]o), MC Zaac, cantor de funk nascido em Diadema, SP, não realiza a oclusiva nos mesmos ambientes (beben[∅]o, envolven[∅]o, ven[∅]o). Com isso, decidiu-se analisar o significado social dessa variante e sua avaliação em diferentes níveis sociais.

Como será abordado nos capítulos a seguir, os estudos variacionistas se concentram majoritariamente em análises de produção (CAMPBELL-KIBLER, 2006), havendo menos trabalhos sobre a avaliação e percepção. Em relação à variável analisada neste trabalho, o trabalho de Gonçalves (2018) aborda a percepção e suposta estigmatização da ausência da consoante oclusiva em /ndo/, porém, apenas baseada em dados de produção. Considerando a escassez de estudos variacionistas sobre avaliação, o intuito deste trabalho é contribuir para este campo de estudo do português brasileiro com um teste piloto acerca da variante citada.

Esta pesquisa trabalha com a hipótese de que a ausência da consoante oclusiva precedida de vogal nasal (doravante vN(d)o), tanto em verbos no gerúndio quanto em não-verbos, seria a variante estigmatizada pelos falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro. Esta hipótese é baseada em estudos anteriores acerca da mesma variável, como o de Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018), que conclui¹ que a realização de [d] está associada a contextos de maior monitoramento, falantes do sexo feminino e com maior escolarização – o que poderia implicar estigmatização acerca da ausência da oclusiva. Além disso, o estudo de Gonçalves (2018)² vai além e cita uma possível menor aceitação da variante baseado na relação inversamente proporcional entre maior percentual de apagamento de [d] e grau de escolarização do falante. Com isso, o objetivo deste trabalho é verificar a percepção e avaliação dos falantes da comunidade de fala do Rio de

¹ Com base em seu estudo realizado com falantes de Aracaju.

² Gonçalves (2018) analisou o fenômeno de apagamento na variedade paulistana do português brasileiro.

Janeiro acerca da variável linguística citada, comprovando ou não a hipótese de estigma em relação à ausência da consoante oclusiva em vN(d)o.

Para acessar a avaliação dos falantes acerca das variantes da variável vN(d)o, foi elaborado um teste de avaliação em que os participantes, todos falantes universitários da comunidade de fala do Rio de Janeiro, deveria julgar o grau de aceitabilidade de uma candidata a um cargo de âncora em um telejornal. Assim, após ouvir cada sentença, os participantes deveriam, numa escala de 01 (não apta) a 07 (totalmente adequada), avaliar se a candidata estava apta ou não ao cargo. O teste era composto por 04 grupos, sendo 03 com formas verbais e 01 com itens não-verbais. Em razão da pandemia de COVID-19, o teste precisou ser realizado de maneira remota, motivo pelo qual se optou, neste momento, aplicá-lo apenas a falantes universitários.

O presente trabalho fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, que concebem o conhecimento linguístico como um sistema constituído por heterogeneidade ordenada em que língua e sociedade estão em constante relação (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]). Além disso, assumem-se os pressupostos de modelos baseados em exemplares (BYBEE, 2001, 2010; PIERREHUMBERT, 2003, 2016), no que diz respeito à relação entre conhecimento abstraído e uso, à organização cognitiva do conhecimento linguístico do falante e à representação da variação em exemplares.

O presente estudo se apresenta dividido em cinco capítulos: no primeiro, serão apresentados os conceitos da Teoria da Variação e Mudança na sociolinguística; no segundo, serão expostos estudos anteriores sobre a variável em questão – focados, em sua maioria, em análises de percepção; no terceiro, será apresentada a metodologia utilizada para o teste de percepção; no quarto, serão analisados os resultados do teste; no quinto, por fim, serão extraídas as conclusões a partir dos dados de análise.

1. SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Neste capítulo, serão apresentados, inicialmente, conceitos básicos da Sociolinguística Variacionista para os estudos linguísticos. Em seguida, serão discutidos alguns trabalhos que trataram da avaliação da variação sociolinguística, bem como será apresentado, ao final, um modelo de organização do conhecimento linguístico que pretende melhor acomodar tanto dados de produção quanto de percepção.

1.1 Sociolinguística Variacionista

De acordo com o Estruturalismo e a Gramática Gerativa, a língua é concebida como um sistema homogêneo e abstrato, no qual supõe-se que o uso que os falantes fazem de sua língua não deve ser tomado como objeto de estudo na linguística. Em contrapartida, Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog desenvolveram, a partir da década de 60, um novo modelo de interpretação e descrição da variação linguística: a Teoria da Variação e Mudança (TVM) empiricamente orientada, que viria a ser conhecida como Sociolinguística Variacionista. Nesse modelo, concebe-se a língua como um sistema heterogêneo e autônomo, que envolve regras variáveis e categóricas. Assim, tal modelo “postulou a ideia da variação ser inerente a qualquer sistema linguístico” (MELO, 2017).

O campo da Sociolinguística trata da língua como um objeto dotado de heterogeneidade ordenada (COELHO et. al., 2015), ou seja, um sistema cujas diferenças intrínsecas não são caóticas, mas formadas por regras variáveis e categóricas. Tais regras representam, respectivamente, regras que variam, como a concordância verbal na primeira pessoa do plural no português brasileiro, e regras em que não é possível haver variação dentro do sistema linguístico, como a presença de determinante antes do nome, nunca depois (também no PB). Tratando-se das regras variáveis, elas não ocorrem de maneira aleatória, e sim de acordo com condicionadores – ou seja, fatores que regulam nossa escolha entre uma ou outra variante (COELHO et. al., op. cit.) – tanto linguísticos quanto extralinguísticos. De acordo com Coelho et. al. (op. cit), os condicionadores podem ser tanto internos (linguísticos) quanto externos (sociais). O primeiro abrange grau de escolaridade, nível socioeconômico, sexo/gênero e faixa

etária, enquanto os condicionadores externos incluem contexto fonológico seguinte, saliência fônica, classe morfológica da palavra, ordem dos constituintes e animacidade.

Para a TVM, a língua varia tanto intra- quanto interlinguisticamente. A primeira variação diz respeito ao falante e seu próprio estilo de fala: não há nenhum falante de estilo único, cuja fala não varie de acordo com a situação, por exemplo. Quanto à variação interlinguística, a TVM – diferentemente da Gramática Gerativa de Chomsky, que analisava a língua fora de qualquer contexto social – desconsidera o suposto “falante-ouvinte ideal”. Esse conceito, utilizado pela teoria chomskiana, parte do pressuposto segundo o qual o conhecimento linguístico internalizado de todos os falantes de uma língua é invariante e não sofre interferência da comunidade de fala. Para a TVM, o sistema linguístico comporta a variabilidade encontrada tanto na fala dos indivíduos quanto na comunidade de fala em que eles estão inseridos, sendo tal variabilidade, como já dito, ordenada e inerente ao sistema linguístico.

Labov (1972), considerando a relação inerente entre língua e sociedade, afirma que o locus do estudo da língua é a comunidade de fala, não o indivíduo. Para Labov, a comunidade de fala é mais bem definida “como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (2008 [1972], p. 188). Já Guy (2001) amplia o conceito de Labov e estabelece os seguintes critérios para a definição de comunidade de fala: os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos; devem ter uma frequência alta de comunicação entre si; e devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem.

Como a Sociolinguística Variacionista considera língua e sociedade como inerentemente relacionadas, essa perspectiva rompe a dicotomia entre esses dois conceitos. Língua e fala (*langue e parole*) não são mais ideias que funcionam separadamente, mas que se relacionam intrinsecamente. O mesmo acontece com a relação entre sincronia e diacronia: de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a sincronia mostra as mudanças diacrônicas da língua, pois mudanças linguísticas acontecem o tempo todo, o que torna o sistema linguístico inerentemente variável.

No estudo da variação e mudança linguística – o cerne da Sociolinguística – Weinreich, Labov e Herzog (op. cit.) propõem cinco questões, ou problemas empíricos, a serem abordados na pesquisa sociolinguística, sendo eles:

- a. os fatores condicionantes, tanto linguísticos como sociais, de uma mudança linguística (“Qual é o conjunto de mudanças possíveis e de condições para mudanças que podem ocorrer em uma determinada estrutura?”);
- b. o problema do encaixamento nos processos de mudança (“Como as mudanças estão encaixadas na matriz de concomitantes linguísticos e extralinguísticos das formas em questão?”);
- c. a transição da mudança tanto no sistema linguístico quanto no sistema social (“Como as mudanças passam de um estágio a outro, de uma comunidade a outra?”);
- d. a avaliação (“Como as mudanças podem ser avaliadas em termos de seus efeitos sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa e sobre o amplo espectro de fatores não representacionais envolvidos no falar?”);
- e. a implementação gradativa da mudança linguística na comunidade de fala (“A que fatores se pode atribuir a implementação das mudanças? Por que uma mudança ocorre em uma língua em uma época e não em outras?”).

Neste trabalho, a questão mais importante a ser abordada é a da avaliação, a partir do ponto de vista da comunidade de fala em relação à ausência de consoante oclusiva na variável vN(d)o, tanto no contexto de gerúndio quanto em estruturas não-verbais. Para isso, é importante ter em vista os conceitos de língua e variação dentro da Sociolinguística, especificamente da TVM.

1.2 Avaliação da variação sociolinguística

Considerando que os estudos variacionistas se concentram, em sua maioria, em análises de produção (CAMPBELL-KIBLER, 2006), é importante que a percepção das variantes seja mais explorada nesses estudos. Em Oushiro (2015, p. 264), trabalha-se com a hipótese de que as percepções de diferentes membros de uma comunidade de fala podem diferir entre si, ao mesmo tempo em que não são “aleatórias ou radicalmente subjetivas”, sendo a percepção sobre variantes, ainda de acordo com Oushiro (op. cit.), heterogênea e socialmente estratificada. Tal hipótese vale como pressuposto para o presente estudo, a ser explorado nos próximos capítulos.

Em Labov et. al. (2011), foram realizados experimentos para o estudo da percepção acerca da variável (ING) no gerúndio, como em *creating* (criando), a fim de medir a saliência das formas /in/ e /iŋ/ no inglês americano. O estudo aponta, primeiro, o resultado de Labov (1966), em que foi observado o percentual de realização da variável (ING) como /in/ e cujos resultados apontaram uma queda no índice de realização inversamente proporcional ao aumento de nível econômico-social. Além disso, a realização da variante /in/ mostrou-se proporcional à casualidade do contexto, diminuindo consideravelmente quando o falante estava mais “atento” (*careful*) e drasticamente quando se tratava de uma leitura.

Os experimentos descritos em Labov et. al. (2011, p. 434) tiveram como objetivo determinar se os ouvintes conseguem discriminar e avaliar os níveis de variação de /in/, a variante com mais estigma. Em um dos experimentos, foi analisada a sensibilidade à variável (ING) de ouvintes que deveriam avaliar, em escala, a aptidão de um suposto âncora de telejornal por meio de dez frases contendo a variável, ora realizadas como /in/, ora como /iŋ/. Nesse experimento, os estímulos foram controlados de forma que as respostas às sentenças correspondiam a uma função logarítmica na qual o efeito de cada desvio da norma era proporcional ao aumento percentual nos desvios (MELO, 2017). A partir disso, os resultados mostraram que quanto maior o índice de /in/, menor era a aceitação do candidato por parte do ouvinte. Com isso, pôde-se apontar menor prestígio da variante /in/ dentro da variável de acordo com os ouvintes, que julgaram o suposto candidato que as realizava como menos apto para o cargo de âncora. Os resultados ainda apontaram para uma diminuição da sensibilidade à medida que as frequências da variante /in/ aumentavam. Ou seja, quanto mais se ouvia a variante /in/ – forma de menor prestígio – pior se avaliava o candidato a âncora de telejornal, levando à conclusão de que a repetição da forma de menor prestígio ocasiona em maior penalização. Ainda de acordo com Labov et. al. (op. cit.), a variante /in/ foi mais penalizada pelos ouvintes do sexo feminino, bem como ouvintes de faixa etária mais elevada (adultos).

No contexto do português brasileiro, Oushiro (2015) e Melo (2017) trazem, respectivamente, detalhes sobre comunidades de fala do português paulistano e do Rio de Janeiro. Como citado anteriormente, a grande maioria dos estudos variacionistas se concentra em análises de produção sobre amostras da fala; tal premissa é utilizada por Oushiro (op. cit.)

para sua pesquisa sobre o português paulistano. O estudo apresenta análises sobre avaliação, produção e percepção linguística a respeito de quatro variáveis sociolinguísticas: “a realização de /e/ nasal como monotongo [ẽ] ou ditongo [ẽĩ]; a realização de /r/ em coda silábica como tepe [R] ou retroflexo [õ]; [...] a concordância nominal de número, como em *as casas* vs. *as casa*; e a concordância verbal de primeira e de terceira pessoa do plural, como em *nós fomos* vs. *nós foi* e *eles foram* vs. *eles foi*” (p. 2). De acordo com Oushiro (op. cit.), o estudo foi realizado com o intuito de “analisar a expressão de identidades sociais através de usos linguísticos e o possível impacto de significados sociais de certas variantes em processos de variação e mudança linguística”. Tal intuito vai ao encontro do objetivo do presente estudo, servindo como suporte tanto para esta pesquisa inicial a respeito da avaliação da variável vN(d)o, quanto para pesquisas futuras.

Em seu estudo a respeito da comunidade de fala do Rio de Janeiro, Melo (2017) analisa dados de produção e avaliação a respeito da realização de /r/ em coda silábica – interna e final – e /s/ em coda silábica. Para isso, foi analisada a fala de indivíduos considerados socialmente excluídos, bem como de indivíduos de segmentos variados de classe média, a fim de comparar a fala de indivíduos pertencentes a diferentes grupos e classes sociais, ampliando o conhecimento acerca da comunidade de fala do Rio de Janeiro. O estudo de Melo (op. cit.) também serve de base para o presente estudo, que tem como objetivo observar a avaliação da variável vN(d)o do ponto de vista da comunidade de fala do Rio de Janeiro, e o grau de prestígio de suas variantes.

1.3. Produção e avaliação: uma organização em exemplares

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126) reconhecem a importância de contribuições da Linguística teórica para o entendimento da variação e da mudança linguística. Assim, o tratamento representacional dado à variabilidade observada na fala pelos Modelos Baseados no Uso (doravante MBU) pode trazer novas contribuições para a compreensão da natureza do conhecimento linguístico do falante. Nesta abordagem, a representação detalhada é captada pela Teoria de Exemplares.

A Teoria de Exemplos engloba o princípio de que o conhecimento linguístico resulta da interação entre aspectos da cognição humana e da experiência com a língua (TOMASELLO, 2003; BYBEE, 2010), não sendo a linguagem um conhecimento específico, mas sim parte do plano de cognição geral. Baseada no uso, a Teoria de Exemplos opõe-se ao formalismo quanto à organização do conhecimento linguístico: nessa teoria, a língua emerge a partir de processos de domínio geral da cognição, e não o oposto. Os exemplos são as ocorrências efetivas experienciadas na produção e na percepção: as categorias fonológicas são abstraídas a partir das formas estocadas no léxico, enquanto as representações das formas sonoras das palavras incluem o detalhe fonético e constituem generalizações a partir da fala (CRISTÓFARO SILVA & GOMES, 2020).

As representações são impactadas pelos efeitos de frequência (CRISTÓFARO SILVA & GOMES, op. cit.): quanto mais frequente é uma ocorrência, mais centralizada e robusta ela se torna na cognição humana, além de se tornar mais propensa a sofrer variações e mudança. Assim, a representação em exemplos permite capturar efeitos de frequência observados em estudos de mudança linguística. De acordo com Bybee (2001), há dois tipos de efeitos de frequência pertinentes à linguagem: frequência de tipo e frequência de ocorrência. A frequência de tipo, ou *type frequency*, refere-se à “quantidade de itens que compartilham um determinado padrão estrutural”; Cristóvão Silva & Gomes (2020) exemplificam essa frequência com os verbos criados no português brasileiro, como ‘deletar’ e ‘escanear’, que são sempre enquadrados na primeira conjugação. Já a frequência de ocorrência, ou *token frequency*, refere-se à frequência de uma unidade, seja uma unidade sonora, estrutura silábica ou palavra, em um texto corrido (BYBEE, 2001: 10).

De acordo com Bybee (op. cit.), as frequências citadas acima produzem diferentes efeitos nas mudanças sonoras. Os itens lexicais de alta frequência de ocorrência tendem a ser afetados mais rapidamente pela mudança sonora por questões articulatórias. Já nos casos em que a mudança sonora não possui motivação fonética, a relação entre frequência de ocorrência e mudança pode ser invertida: um item com alta frequência de ocorrência pode ser menos afetado pela mudança, visto que sua frequência oferece ao falante “fonte suficiente de aprendizado em sua experiência com a língua” (MELO, 2017). Dessa forma, um item com baixa

frequência de ocorrência também pode ser mais rapidamente atingido pela mudança, visto que não oferece ao falante fonte suficiente de aprendizado.

Ainda de acordo com a Teoria de Exemplares, o armazenamento de formas lexicais contém informação sonora redundante relacionada com a experiência do falante em ouvir e produzir os itens lexicais em diferentes contextos linguísticos e extralinguísticos. Assim, postula-se que todas as variantes relacionadas a um item façam parte de sua representação no léxico. Neste sentido, é possível assumir que, para a Teoria de Exemplares, as representações são múltiplas e a organização da representação em exemplares vai depender da experiência sociolinguística do falante: que representações são dominantes (ou centrais) e quais são periféricas. Da mesma forma, é possível, por meio de uma única modelagem do conhecimento linguístico, observar produção e percepção, idiosincrasias e generalizações.

Para a presente pesquisa, parte-se da hipótese de que os falantes da comunidade do Rio de Janeiro tenham representados os itens com a variável vN(d)o tanto com a oclusiva, como sem a oclusiva, sendo, conseqüentemente, dominante a representação a depender da própria experiência dos falantes. Essa representação com todas as variantes pode, por sua vez, impactar também a avaliação dos falantes.

Síntese

Neste capítulo, mostrou-se como a Sociolinguística Variacionista concebe a língua como um sistema heterogêneo e autônomo, que possui a variação como inerente a ele. A língua, de acordo com a TVM, possui variações intralinguísticas – no que se refere aos estilos individuais de cada falante – e interlinguísticas – tratando-se das diferentes comunidades de fala dentro de uma língua.

Foi discutido que os itens já estigmatizados, quando mais frequentes, tornam-se mais propensos à avaliação negativa, como mostrado anteriormente. Os experimentos citados de Labov relacionados à avaliação social tiveram grande importância para o presente estudo, servindo tanto como apoio teórico acerca da variável abordada – consoante oclusiva precedida de vogal nasal em sequência /ndo/ (doravante vN(d)o), equivalente ao (ING) do inglês – quanto como inspiração para o experimento deste trabalho. Foi mostrada a importância dos estudos de

Oushiro (2015) e Melo (2017) sobre a avaliação em diferentes comunidades de fala do Brasil, que servem como base para este estudo, no que concerne os objetivos de analisar o significado social da variável vN(d) e sua percepção do ponto de vista de parte da comunidade acadêmica do Rio de Janeiro.

Por fim, foi apresentado um modelo para organização do conhecimento linguístico baseado em exemplares, segundo o qual a experiência dos falantes impacta as representações abstratas e, conseqüentemente, permite que produção e avaliação sejam observadas conjuntamente, por meio de uma mesma modelagem.

2. ESTUDOS SOBRE A VARIÁVEL

Neste capítulo, serão apresentados alguns estudos que abordam a variável analisada neste trabalho. A seguinte apresentação tem como objetivo mostrar o comportamento já observado da variável $vN(d)$ em diferentes comunidades de fala do português brasileiro, tais como a variedade sergipana, paulistana e carioca. Além disso, os estudos apresentados incluem análises sobre a percepção e o nível de consciência social acerca de mudanças linguísticas, elementos fundamentais desse trabalho.

2.1. A realização de /d/ em diferentes variedades do português brasileiro

Em seu estudo sobre os efeitos sociais da saliência na realização de /d/ no segmento /ndo/, Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018) abordam o nível de consciência social como um fator importante quando se trata de mudança linguística. Os autores citam Eckert (2012) ao dizer que os estereótipos (“usos linguísticos conscientemente identificados pelos falantes”) e os marcadores “operam como variáveis suscetíveis de percepção avaliativa e, com isso, emergem na variação estilística” (p. 655). Em seguida, porém, eles afirmam que “o que faz com que uma variante seja sensível ou não à avaliação em uma comunidade pode ser atrelado ao seu grau de saliência” (p. 655).

Para os autores, a correlação entre grau de saliência cognitiva e consciência social de uma variante nem sempre é efetiva, sendo necessária, de acordo com eles, “a realização de estudos sociolinguísticos que relacionem a complexidade cognitiva e o nível de consciência social das variantes em função dos fatores sociais controlados na sociolinguística”. Freitag, Cardoso e Pinheiro (op. cit.) também observam que o nível de consciência social de uma variante pode variar geograficamente, de forma que uma variante pode ter diferentes graus de saliência em diferentes variedades.

Os autores analisaram uma amostra do Banco de Dados Falares Sergipanos, composta por entrevistas em Aracaju, estratificada com base em sexo/gênero, escolaridade e idade. Os autores concluíram que a realização da consoante oclusiva /d/ em segmento /ndo/ é condicionada pelas seguintes variáveis sociais: a) escolaridade, sendo a realização da oclusiva

desfavorecida entre falantes com ensino médio e b) sexo/gênero, sendo a realização desfavorecida entre falantes do sexo masculino. Assim, observaram os autores que há maior conservação da oclusiva entre falantes do ensino superior do gênero feminino. Além disso, em relação aos condicionamentos linguísticos e lexicais, os autores concluíram que há maior conservação em palavras de outras classes do que em morfemas de gerúndio – ainda que essa variação se apresente de forma irregular na região Nordeste, com índice de apagamento entre 42% e 75%. Tal índice, de acordo com os autores, reforça a existência de parâmetros lexicais para a difusão da mudança dessa variável.

Os autores também concluíram que realização da oclusiva em segmento /ndo/ na fala de Aracaju se comporta como um indexador de segunda ordem, uma vez que “está associada à maior escolarização, perfil feminino, e a contextos de maior monitoramento, como trechos opinativos em entrevistas sociolinguísticas” (p. 673). Quanto ao grau de consciência social relacionado à realização da oclusiva em /ndo/, os autores afirmam que são necessários mais estudos sobre o nível de consciência social do fenômeno estudado, para que haja o desvelamento dessa questão.

Freitag, Cardoso e Pinheiro (op. cit.) citam os estudos de Ferreira (2010) e Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012) quanto a essa variante, realizados com dados de São José do Rio Preto. Aqui, foi evidenciado que o processo de apagamento da oclusiva está restrito ao morfema de gerúndio, sendo a conservação de apenas 28%. A amostra de ambos os estudos faz parte do banco de dados Iboruna³, na qual as entrevistas foram estratificadas quanto à faixa etária, sexo/gênero, escolarização e nível socioeconômico (FREITAG, CARDOSO E PINHEIRO, op. cit.). No que se refere aos condicionadores sociais, os resultados apontaram que o apagamento tende a acontecer mais entre homens mais jovens e com menos tempo de escolarização. De acordo com Ferreira, Tenani e Gonçalves (op. cit.), os resultados levam à conclusão de que o apagamento de oclusiva em morfema de gerúndio é socialmente estigmatizado na comunidade

³ O banco de dados Iboruna é composto de dois tipos de amostras de fala: Amostra Comunidade, ou Amostra Censo (AC), que reúne 152 amostras de falas controladas sociolinguisticamente; e Amostra de Interação Dialógica (AI), que comporta amostras de falas coletadas de forma secreta em situações. (<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/index.php> - Acesso em 22 de abril de 2020).

de fala, uma vez que é realizado com menor frequência entre falantes do sexo feminino, com nível mais alto de escolaridade e maior faixa etária.

Em sua dissertação, Gonçalves (2018) analisa o fenômeno do apagamento de /d/ no segmento /ndo/ na variedade paulistana do português brasileiro, sob a ótica da Sociolinguística Variacionista, investigando “as variáveis linguísticas e sociais que se correlacionam à realização de (NDO), através de dados extraídos da amostra coletada pelo Projeto SP2010”⁴ (MENDES e OUSHIRO, 2012). Em seu trabalho, o autor aborda os gerúndios – que, de acordo com ele, apresentam menor índice de apagamento da oclusiva do que outras classes morfológicas – em três estruturas diferentes: “Justaposição” (FERREIRA, 2010 apud GONÇALVES, 2018), Orações Adverbiais Reduzidas e Perífrases.

Em relação aos gerúndios em Justaposição, cujos dados da pesquisa foram realizados de forma descritiva, tratando-se das variáveis sociais, o apagamento foi maior entre falantes do sexo masculino, de faixa etária “intermediária”, com menor grau de instrução e residentes de áreas mais periféricas. Em relação a Orações Adverbiais Reduzidas, “as variáveis que se mostraram preditoras foram a faixa etária e a classe social do falante” (p. 90), nas quais foi observado que os falantes mais jovens e de classe social mais baixa tendem a realizar mais o apagamento. Por fim, quanto à Perífrase, as variáveis sociais preditoras de apagamento centram-se, assim como nas Orações Reduzidas, na faixa etária e classe social, tendendo os falantes das faixas mais jovens a realizar o apagamento mais que os mais velhos, com uma “propensão em utilizar mais o apagamento na faixa intermediária, o que caracterizaria indícios de uma variável estável” (p. 91).

Por último, foi observado, novamente, que os falantes das classes mais baixas – B2, C1 e C2 – favorecem o apagamento de /d/. O autor também inclui o fator da escolaridade junto à classe social, revelando que “o apagamento vem sendo utilizado em maior número na fala de pessoas com até o Ensino Médio” (p. 91). Gonçalves conclui, então, que a variante apresentada (apagamento de [d]) é tratada de forma estigmatizada por certos grupos sociais, devido ao grau do apagamento ser inversamente proporcional ao aumento dos segmentos da escolarização.

⁴ Projeto de pesquisa da USP, que reúne amostras de falas paulistanas a fim de contribuir para o estudo dessa variedade de fala. (<http://projetosp2010.fflch.usp.br/> - Acesso em 22 de abril de 2020).

Ainda no estudo de Gonçalves, são abordados outros trabalhos referentes à não-realização da oclusiva em contexto /ndo/, como, por exemplo, o estudo de Cristóvão Silva (1996) com dados do dialeto mineiro. De acordo com a autora, o processo de apagamento se aplica apenas aos vocábulos em gerúndio, no qual palavras com o mesmo contexto favorável ao apagamento, porém sem informação morfológica de gerúndio, não são afetadas.

Gonçalves também cita a pesquisa de Martins (1999; 2001), que analisou a fala de 24 participantes do projeto VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba) quanto à variante em questão. Nesse estudo, a autora relata um favorecimento do apagamento na fala de homens, de falantes com até 49 anos e de analfabetos. Ainda há um favorecimento por parte dos falantes com ensino fundamental completo em relação a universitários, ainda que menor em relação aos falantes analfabetos. Quanto à classe das palavras, o apagamento da oclusiva é produtivo nos gerúndios, enquanto é desfavorecido nos verbos no presente do indicativo; já em relação à extensão do item lexical, foi observado que itens com mais de duas sílabas favorecem o apagamento de /d/, enquanto os vocábulos dissílabos tendem a manter a oclusiva.

2.2. A realização de /d/ na comunidade de fala do Rio de Janeiro

Mollica e Mattos (1992) analisam o fenômeno da assimilação da consoante oclusiva no segmento /ndo/ na comunidade de fala do Rio de Janeiro por meio de duas abordagens distintas: multivariacional e difusionista. De acordo com as autoras (cf. Labov, 1966 e 1972), “a abordagem multivariacional permite conhecer a correlação de fatores intralinguísticos e extralinguísticos apenas para os dados atingidos pela variação”, enquanto a abordagem difusionista “leva em conta todos os itens individualmente, tornando possível estabelecer a relação entre os itens atingidos pela variação e os itens não atingidos”, ao mesmo tempo em que prevê que as inovações linguísticas se propaguem na língua gradualmente no léxico. Enquanto na análise multivariacional foram levados em conta apenas itens em que houve variação, na análise difusionista foram observados todos os itens, incluindo aqueles realizados de forma categórica, tais como nomes próprios, nomes comuns (com exceção de ‘mundo’) e a maior parte dos adjetivos.

Essas duas abordagens foram necessárias devido ao modelo de gramática assumido à época pelas autoras, isto é, um modelo que concebia a variação como o resultado de um processo em que uma determinada regra variável é aplicada a uma forma subjacente única. Esse modelo de gramática não permitia analisar ambos os efeitos linguísticos e lexicais de forma concomitante. Além disso, o modelo estatístico (efeitos fixos) disponível à época também não permitia que as autoras analisassem os efeitos lexicais, o que as conduziu a uma análise exclusivamente de alguns itens lexicais sem considerar, conjuntamente, efeitos estruturais.

Em sua análise, as autoras não trabalham com os índices da assimilação, mas sim da preservação do segmento /d/ em contexto /ndo/. Primeiramente, as autoras revelam os resultados para a abordagem variacionista, em que foram consideradas as seguintes variáveis: classe gramatical (verbos no gerúndio, verbos no presente do indicativo, substantivo comum, substantivo próprio, gerúndio fático e outros), tamanho do item (número de sílabas) e contexto fonológico seguinte (pausa e não-pausa). A variável que, de acordo com as autoras, se mostrou a mais relevante nessa análise foi extensão do vocábulo (dissílabos, trissílabos e polissílabos). Os resultados mostraram que quanto menos sílabas presentes no vocábulo, maior o índice de preservação da consoante oclusiva. Em relação à variável “contexto fonológico seguinte”, foi observado que o índice de preservação do segmento /d/ é levemente maior antes de ambiente fonológico de silêncio, apenas 5% a mais que o índice em ambiente de não-silêncio.

Quanto à abordagem difusionista, as autoras trazem, primeiro, dados relacionados à frequência de uso dos itens lexicais. Primeiramente, a pesquisa mostra a relação entre a categoria gramatical do item e a taxa de variação. Em nomes próprios e adjetivos, a preservação da oclusiva é de 100%, sendo as categorias que mais favorecem a realização do segmento. Essa taxa cai ligeiramente ao se tratar de numerais (98%), e assim continua progressivamente nas categorias verbo no presente do indicativo (94%), nome comum (82%) e conector (82%), até chegar à categoria com menor taxa de preservação, o gerúndio, com 61%. Para as autoras, esses dados reforçam a hipótese de que “há classes gramaticais mais resistentes à inovação do que outras” (MOLLICA & MATTOS, 1992, p. 58), o que pode acontecer devido a restrições da classe gramatical, como ocorre, por exemplo, na categoria nome comum, que sofre restrições

de natureza fonológica, haja vista o fato de só se encontrar sete nomes comuns com terminação /ndo/ (op. cit.).

Por fim, é importante destacar que Mollica e Mattos (1992) não analisam grau de prestígio ou consciência social em relação ao fenômeno estudado. De acordo com as autoras, o objetivo da pesquisa foi tão somente “evidenciar [...] o interesse em conjugar metodologias de análise para fenômenos de variação e/ou mudança” (op. cit., p. 54).

Síntese

Os estudos acima citados são importantes para o presente trabalho, de forma que introduzem trabalhos anteriores que abordam a realização de /d/ em contexto /ndo/, em diferentes classes de palavras. Apesar de todos os estudos abordarem a mesma variante e sua realização de acordo com as mesmas variáveis sociais (escolaridade, sexo/gênero e faixa etária), nem todos abordam o nível de consciência e avaliação social, como será feito neste trabalho. Enquanto Mollica e Mattos (1992) abordam somente a realização da variante, Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018) analisam a percepção dessa; Gonçalves (2018), a partir dos dados coletados, ainda aborda o grau de prestígio da variante, por meio de dados de produção. Tais estudos servem como ponto de partida para as análises que serão realizadas nesse trabalho, que utilizará como base tanto os dados citados quanto as análises acerca da percepção e nível de consciência social, sendo esta análise o ponto principal desse estudo.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo, será apresentada a metodologia para a realização do teste de percepção do presente estudo. Devido à pandemia de COVID-19, que impediu a realização do teste de forma presencial, como foi planejado inicialmente, foi necessário buscar outros recursos remotos – como será mostrado a seguir, foram utilizados os programas *PsychoPy* e *Pavlovia*.

3.1. Design do teste

Neste trabalho, foram coletados dados de percepção de 24 participantes universitários do Rio de Janeiro – 12 homens e 12 mulheres – por meio das ferramentas *PsychoPy* e *Pavlovia*, a fim de observar o grau de aceitabilidade das variantes da realização da consoante oclusiva precedida de vogal nasal vN(d) na comunidade de fala do Rio de Janeiro. As variantes testadas foram a realização da variável com e sem a presença da consoante oclusiva alveolar sonora. No teste, as variáveis de análise foram: as variantes; a conjugação verbal; classificação entre verbo e não-verbo; e frequência de uso na língua.

Para o teste, foram elaboradas 16 sentenças divididas em 04 categorias, cada uma contendo 04 itens com a variável: 03 categorias de itens verbais (gerúndio) e 01 categoria com itens não-verbais. Os itens verbais foram concebidos a partir das 03 conjugações verbais:

QUADRO 01. Estímulos do teste de avaliação vN(d)o

CATEGORIA	ESTÍMULO	
01	itens verbais	1ª conjugação
02		2ª conjugação
03		3ª conjugação
04	itens não-verbais	

As 16 (dezesseis) sentenças foram gravadas duas vezes, uma contendo uma oclusiva – como em andan[d]o e mun[d]o – e outra sem a oclusiva – como em andan[Ø]o e mund[Ø]o. Foram gravadas ainda 06 sentenças distratoras em que não havia itens com a variável em análise.

As sentenças analisadas no próximo capítulo obedecem a 04 fatores: sentenças com verbos de primeira, segunda e terceira conjugação, e sentenças com itens não-verbais. Na concepção das sentenças, também foi considerada a frequência dos verbos a serem utilizados; portanto, foram intercalados verbos de alta e baixa frequência, a fim de observar uma possível diferença de avaliação. Como se esperava observar avaliações mais negativas relacionadas à ausência da oclusiva, esperava-se, assim, que verbos pouco frequentes e sem a oclusiva seriam ainda mais penalizados pelos participantes. Isto porque itens mais frequentes podem ser mais rapidamente atingidos por processos de redução fonética. De acordo com Bybee (2016: 43), “palavras de alta frequência sofrem mais mudança ou mudança em uma velocidade maior do que palavras de baixa frequência”. Essas mudanças impactam as representações abstratas dos falantes e, conseqüentemente, o processamento das formas. Desta forma, por serem mais frequentes e, possivelmente, mais propensos à redução fonética, tais itens poderiam ter suas representações mais impactadas de forma que a percepção de um item frequente sem a oclusiva não causaria uma avaliação tão negativa, haja vista que o falante encontraria representações robustas para as duas formas – com e sem a oclusiva. Já com itens menos frequentes, por não terem representações tão robustas e precisarem de um acesso mais complexo, uma forma sem a oclusiva – a variante supostamente estigmatizada – estaria mais propensa a uma avaliação mais negativa. As frequências foram obtidas por meio de consulta ao banco de dados do Projeto ASPA/UFMG.

A seguir, os quadros 02 e 03 apresentam os estímulos elaborados para a avaliação da variável:

QUADRO 02. Grupos de sentenças verbais para o teste de avaliação de itens com vN(d)

Grupos	Sentença	Classificação	Frequência ASPA
01 1ª conj	1. O ministro da economia segue falando sobre o projeto. 2. As vítimas do assalto foram andando até a delegacia. 3. O atual prefeito disse estar orçando o valor da obra. 4. O governo federal não vem logrando acabar com a crise.	frequente frequente não-frequente não-frequente	9.521 2.180 10 22
02 2ª conj	5. O brasileiro anda bebendo muito nesse período difícil. 6. Os presos seguem fazendo muitos protestos violentos. 7. O Estado continua não provendo os pobres na pandemia. 8. A lei marcial segue vigendo nesse período complicado.	frequente frequente não-frequente não-frequente	698 31.833 39 11
03 3ª conj	9. O homem foi assaltado saindo de casa pela manhã. 10. O suspeito foragido foi encontrado dormindo em casa. 11. As empresas vêm falindo cada vez mais na pandemia. 12. A tinta será removida polindo a superfície da pintura.	frequente frequente não-frequente não-frequente	4.590 1.729 76 14

QUADRO 03. Grupo de sentenças não-verbais para o teste de avaliação de itens com vN(d)

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Não há previsão de quando a vacina chegará. 2. Mais espécies entraram em extinção no mundo. 3. O atleta conseguiu chegar em segundo lugar. 4. A tempestade foi ainda mais forte em Orlando. |
|---|

Conforme dito anteriormente, foram gravadas 8 sentenças distratoras (apenas uma vez), que se assemelhavam quanto ao tamanho, possuindo, cada uma, 20 sílabas em média.

Ao realizar o teste por meio da plataforma *Pavlovia*, cada participante foi exposto, necessariamente, duas vezes às 24 sentenças, gravadas por uma suposta candidata ao cargo de âncora de telejornal. Após ouvir cada sentença repetidamente, foi exibida uma escala de 01 a 07 para classificação da sentença anterior, sendo 01 a classificação mais baixa (candidata não-apta para o cargo) e 07, a mais alta (candidata perfeitamente apta). Os participantes tiveram liberdade de escolher qualquer espaço entre 01 e 07, possibilitando, assim, uma maior abrangência nas avaliações. Antes de dar início ao teste pela plataforma, o seguinte comando foi mostrado aos participantes na tela:

“Você vai ouvir várias frases que foram gravadas por uma mulher que deseja se inscrever para uma vaga de apresentadora de telejornal. Você vai ouvir duas vezes cada frase e, após isso, deverá avaliar se a candidata está apta a ocupar o cargo que pretende, em uma escala de 01 a 07 em que 01 indica que candidata ‘deveria tentar outro trabalho’ e 07 indica que a candidata ‘está perfeitamente adequada’.”

Havia dois grupos de participantes e cada grupo ouviu uma lista: todos os participantes foram expostos às mesmas 24 sentenças originais, porém, com alternância quanto à variante apresentada. O grupo 01, por exemplo, foi exposto às sentenças da seguinte maneira: sentença verbal da 1ª conjugação com vNdo > sentença verbal da 2ª conjugação com vNØo > sentença distratora > sentença verbal da 3ª conjugação com vNØo > sentença nominal com vNdo > sentença nominal. Já o grupo 02 foi exposto às sentenças de maneira inversa, de forma que as sentenças que, para o grupo 01, foram realizadas com a vNdo, foram realizadas para o grupo 02 com a vNØo. Também é importante citar que o programa *PsychoPy* organiza as sentenças de maneira aleatória, de forma que cada participante foi exposto às sentenças em uma ordem única.

Todos os participantes da pesquisa fazem parte da comunidade acadêmica, com idades entre 18 e 30 anos, sendo grande parte com ensino superior em curso e a minoria com ensino superior completo. O objetivo inicial da pesquisa era de abranger participantes de diversas faixas etárias e níveis de escolaridade; porém, devido à pandemia de COVID-19 e a consequente impossibilidade da realização presencial com segurança da pesquisa, optou-se por seguir com um teste piloto on-line com participantes da comunidade acadêmica da UFRJ, por possuírem maior familiaridade com a metodologia on-line.

3.2. Programa para análise

No primeiro momento, o programa *PsychoPy* foi utilizado para a montagem da pesquisa, seguindo-se do uso do programa *Pavlovía* para a aplicação dos testes com os participantes. Após a realização destes, foi utilizado o programa *RStudio* para a coleta dos dados levantados a partir dos testes, além do programa MS Excel para a análise destes. As respostas dos participantes – escala de aceitabilidade em que o participante situava o cursor em uma

escala entre 01 e 07 – oferecem respostas muito precisas, com até dez casas decimais, dependendo de que lugar da escala o participante escolhesse. Assim, cada resposta foi transformada para uma escala de 0-100, de forma que fosse possível capturar a gradualidade entre as respostas: por exemplo, se a resposta fosse 5,016666836 – caso o participante situasse o cursor um pouco depois do ponto 05 no contínuo –, esse valor corresponderia a 71,57% em uma escala de 0-100%⁵. Os percentuais, então, foram tomados como índices para as respostas, de forma que uma resposta 5,016666836 passou a 71,57. Por fim, a significância estatística das variáveis foi verificada através do teste de qui-quadrado no programa *RStudio*.

⁵ A transformação foi feita por meio de uma regra de três simples, em que a pontuação máxima (07 pontos) equivaleria a 100%.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados os resultados para o teste de avaliação que foram aplicados a um grupo de participantes de nível universitário da comunidade de fala do Rio de Janeiro. Conforme descrito anteriormente, o teste tinha por objetivo observar a avaliação dos falantes em relação à realização ou ausência da consoante oclusiva precedida de vogal nasal. A variável linguística a ser estudada é a vN(d)o, classificada entre os verbos de 1ª a 3ª conjugação – divididos entre alta e baixa frequência – e não-verbos, enquanto ‘sexo’ foi a única variável extralinguística aqui testada.

O teste contou com sentenças desenvolvidas a partir de quatro fatores, a fim de que fossem controlados diferentes contextos da variável: itens com as três conjugações verbais formaram três grupos de sentenças e itens não-verbais integraram o quarto grupo. Cada grupo continha quatro itens, sendo os grupos com itens verbais compostos por dois itens frequentes e dois itens pouco frequentes. O grupo com itens não-verbais, por sua vez, era composto com quatro itens, sendo um deles um nome próprio. As sentenças foram gravadas por uma falante da variedade carioca, de nível universitário. Cada sentença foi gravada duas vezes: uma delas, a oclusiva era produzida e, na outra, a oclusiva não era produzida. Os participantes eram expostos aos estímulos e, ao final de cada um deles, deveriam julgar a adequação da falante por meio de uma escala de 1 a 7, em que 1 correspondia a “totalmente inadequada” e 7 a “perfeitamente apta ao cargo”.

Para analisar os resultados, a pontuação de cada sentença foi somada e a pontuação geral para cada uma das variantes pode ser observada na Tabela 01. A pontuação foi obtida pelo somatório dos valores obtidos pela transformação do valor atribuído a cada sentença por cada participante (01 a 07) na escala explicitada na seção 3.2 do capítulo anterior.

TABELA 01: Distribuição geral de respostas por variante

estímulo	avaliação
com oclusiva	15056
sem oclusiva	14482

X-squared = 615.6, df = 1, p-value < 2.2e-16

Os resultados revelam que as sentenças com a oclusiva (vN[d]o) foram mais bem avaliadas do que as sentenças sem a oclusiva (vNØo). A significância estatística das variáveis é realizada pelo teste de qui-quadrado e observada de acordo com o p-valor: se menor que 0.05, pode-se dizer que a diferença é significativa; ou seja, quanto menor for o p-valor, maior será a significância da variável. Aqui, a diferença entre os resultados é significativa, pois o p-valor é $< 2.2e-16$.

A Tabela 02 traz os resultados para o sexo dos participantes. Foi possível fazer essa análise, uma vez que os dois grupos de participantes tinham o mesmo número de homens e mulheres:

TABELA 02: Distribuição geral de respostas por VARIANTE e SEXO

	com oclusiva	sem oclusiva	TOTAL
homens	7640	7247	14887
mulheres	7415	7235	14650
TOTAL	15055	14482	

X-squared = 1.443, df = 1, p-value = 0.2297

No que se refere à avaliação das variantes de acordo com o sexo dos participantes, nota-se que as mulheres penalizaram mais dos que os homens, tanto as sentenças com a consoante e sem a consoante oclusiva. Contudo, não há diferença significativa entre as avaliações de ambos os sexos, pois o p-valor é igual a 0.2297. Labov (2008: 281) argumenta que, "na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio". Assim, esperava-se haver diferenças entre o comportamento de homens e mulheres, já que, como mostrou as pontuações para as duas variantes, a realização da oclusiva é mais bem avaliada, sendo a ausência da oclusiva mais penalizada pelos participantes. No entanto, a diferença entre homens e mulheres não se mostrou significativa para este teste.

A Tabela 03 traz os resultados para as listas de palavras:

TABELA 03: Distribuição geral de respostas por VARIANTE e CONJUGAÇÃO VERBAL

conjugação verbal	com oclusiva	sem oclusiva	TOTAL
1ª conjugação	3653	3561	7214
2ª conjugação	3529	3624	7153
3ª conjugação	3989	3610	7599

X-squared = 15.973, df = 2, p-value = 0.00034 (para os totais das conjugações)
 X-squared = 14.906, df = 2, p-value = 0.0005797 (para as variantes por conjugação)

Quanto às conjugações dos verbos nas sentenças verbais, pode-se notar que houve maior penalização das sentenças sem a consoante oclusiva em relação aos verbos de primeira e terceira conjugação e, curiosamente, maior penalização das sentenças com a consoante oclusiva em itens de segunda conjugação. Considerou-se que o resultado referente a esses itens pode ter sido enviesado devido à escolha dos itens a serem avaliados (ver Quadro 01), sendo esta uma questão a ser mais bem investigada em estudos futuros. Aqui, o resultado para todas as conjugações verbais se mostrou significativo para a variável, visto que o p-valor do total e das variantes é <0.05 tanto para os totais das pontuações atribuídos aos grupos de conjugações (p-valor: 0.00034), como também à diferença entre os grupos com e sem a oclusiva (p-valor: 0.0005797).

Os resultados para os itens não-verbais podem ser observados na Tabela 04 a seguir:

TABELA 04: Distribuição geral de respostas por VARIANTE e ITENS

	com oclusiva	sem oclusiva	
mundo	892	983	1875
Orlando	970	869	1839
quando	997	853	1850
segundo	1025	982	2007

X-squared = 9.5547, df = 3, p-value = 0.02276 (para os totais)
 X-squared = 16.979, df = 3, p-value = 0.0007138 (para as variantes por listas)

Quantos aos itens não-verbais, percebe-se maior penalização dos itens ‘Orlando’, ‘quando’ e ‘segundo’ realizados sem a consoante oclusiva, ao mesmo passo que o item ‘mundo’ foi mais penalizado quando realizado com a consoante oclusiva. Considerando o estudo de Mollica e Mattos (1992), em que se observou que itens não-verbais favorecem mais a preservação de [d] no segmento /ndo/, é interessante notar que, neste estudo, uma variante menos frequente (vNØo em itens não-verbais) equivale a maior penalização. Além disso, o resultado referente ao item ‘mundo’ é curioso e merece mais atenção em estudos futuros, pois,

talvez, os estímulos produzidos – sentença e gravação – não tenham sido capazes de capturar a diferença entre as variantes. Também é interessante notar uma maior diferença da pontuação do item ‘segundo’ para os demais itens, tendo em vista que esse foi o item que recebeu a maior pontuação no somatório das duas variantes. Da mesma forma, é possível observar uma grande diferença na pontuação de ‘quando’ de acordo com a forma de realização da variável: esse foi o item que recebeu as menores pontuações quando a oclusiva não era realizada e é aquele que apresenta a maior diferença de avaliação entre as realizações com as duas variantes. Por fim, pode-se dizer que as diferenças de pontuação entre os grupos são significativas, pois o p-valor para as diferenças entre os totais por itens (0.02276) e por variantes (0.0007138) está abaixo de 0.05.

A Tabela 05 traz os resultados para os grupos de itens verbais a partir da frequência dos itens que compunham cada grupo:

TABELA 05: Distribuição geral de respostas por GRUPOS: VARIANTES e FREQUÊNCIA

	1ª conjugação (01 a 04)		2ª conjugação (05 a 08)		3ª conjugação (09 a 12)	
	freq	n-freq	freq	n-freq	freq	n-freq
com oclusiva	1826.41	1826.15	1839.28	1690.00	2006.58	1982.84
sem oclusiva	1744.14	1816.58	1782.99	1841.14	1855.99	1754.02
	3570.55	3642.73	3622.27	3531.14	3862.57	3736.86

1ª conjugação: X-squared = 0.73092, df = 1, p-value = 0.3926

2ª conjugação: X-squared = 5.9711, df = 1, p-value = 0.01454

3ª conjugação: X-squared = 0.89825, df = 1, p-value = 0.3433

Conforme assinalado anteriormente, os grupos com itens verbais contavam com 04 itens, sendo dois mais frequentes e dois menos frequentes. Isto porque se entendeu ser importante analisar também a frequência dos itens, a fim de observar sua influência sobre o julgamento quando a oclusiva não era realizada. Aqui, é possível notar que, quando a oclusiva não era realizada, os participantes atribuíram notas menores aos itens menos frequentes de primeira e terceira conjugação, com o oposto acontecendo com os itens de segunda conjugação. Ocorre que as diferenças entre os itens mais e menos frequentes só se mostraram significativas para a segunda conjugação (p-valor = 0.01454). Com efeito, tais itens foram os que mostraram as maiores diferenças de julgamento para as variantes. Esse resultado aponta para a necessidade

de uma investigação futura, a fim de, efetivamente, observar o papel da frequência para o julgamento das variantes.

Com a análise dos resultados, o que se pretendia era verificar se havia estigma sobre a ausência da oclusiva em vN(d)o nas categorias gramaticais em que se observa a variável em final de palavra: verbos no gerúndio, advérbios ('quando'), numerais ('segundo'), nomes comuns ('mundo') e nomes próprios ('Orlando'). De acordo com Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018), os morfemas de gerúndio tendem a uma menor conservação da consoante oclusiva do que palavras de outras classes – o que é respaldado por Ferreira (2010) e Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012), que evidenciaram uma taxa de conservação de apenas 28% da oclusiva no gerúndio. Em uma análise multivariacionista, Mollica e Mattos (1992) também evidenciam que há maior variabilidade quanto à realização da oclusiva em contexto vN(d)o nas formas de gerúndio.

Além do gerúndio, optou-se por incluir os itens não-verbais a fim de verificar também a hipótese de Mollica e Mattos (1992), em que, como citado anteriormente, analisaram-se itens das categorias não-verbais citadas e observou-se que tais categorias favorecem mais a preservação da consoante oclusiva no segmento /ndo/, com as taxas de preservação indo de 100% (nomes próprios) a 98% (numerais) e 82% (nomes comuns). Considerando que o estudo das autoras mostra que nomes próprios não são acometidos pela variante vN∅o, decidiu-se observar a avaliação da variante nessa classe gramatical e testar a hipótese da equivalência entre variante menos frequente (vN∅o em nome próprio) e maior penalização. Os resultados da Tabela 04 apontam nessa direção, uma vez que, no tocante à classe gramatical, o item 'Orlando' foi mais penalizado sem a consoante oclusiva, assim como o advérbio e o numeral.

Quanto à frequência dos itens, pretendia-se verificar a possibilidade de itens menos frequentes serem mais penalizados pelos falantes, pois, de acordo com Bybee (2016), palavras de alta frequência sofrem mudança em maior velocidade em comparação a palavras de baixa frequência. Como citado anteriormente, tais mudanças impactam o processamento das formas, fazendo com que a ausência da oclusiva em um item frequente não seja mal avaliado, pois este item possuiria representações abstratas robustas para ambas as formas – com e sem a oclusiva. Observando a tabela 05, porém, percebe-se que os resultados apontam para outra direção: os

itens de primeira conjugação menos frequentes foram menos penalizados do que os itens mais frequentes quando realizados sem a consoante oclusiva, mesmo recebendo praticamente a mesma pontuação quando realizados com a oclusiva. Quanto à terceira conjugação, a penalização dos itens mais e menos frequentes quando realizados sem a oclusiva é praticamente a mesma. Entretanto, as diferenças entre os itens mais e menos frequentes só se mostraram significativas para a segunda conjugação, com as maiores diferenças de avaliação das variantes. Esse resultado também é curioso, visto que a pontuação dos itens menos frequentes aumentou quando realizados sem a oclusiva, indo em direção oposta do esperado com base no estudo de Bybee (op. cit.). Novamente, este resultado indica maior necessidade de uma investigação futura, a fim de analisar mais profundamente a relação entre a frequência de uso e a avaliação social das variantes.

5. CONCLUSÃO

No teste realizado para o presente estudo, foi analisada a avaliação social acerca da variável vN(d) e as variantes aqui testadas: a presença e a ausência da consoante oclusiva [d]. Como citado anteriormente, a variável foi apresentada dentro de formas verbais – classificadas entre verbos de 1ª a 3ª conjugação, bem como alta e baixa frequência – e não-verbais. Além disso, participaram da pesquisa falantes do sexo masculino e feminino na mesma quantidade, para que se pudesse analisar a aceitação da variante de acordo com o sexo. Os participantes do teste fazem parte da comunidade acadêmica do Rio de Janeiro e o objetivo era observar o grau de aceitabilidade das variantes na comunidade de fala carioca, com base em hipóteses de estudos de produção anteriores.

Os estudos de Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018), Ferreira (2010), Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012) e Martins (1999; 2001, apud GONÇALVES, 2018) observaram que a classe gramatical mais propensa a conservar a consoante oclusiva é a classe de verbos no gerúndio, em comparação a classes não-verbais. Considerando todas os grupos, observou-se que os estímulos sem a consoante oclusiva foram mais penalizados do que os itens sem as oclusivas. No entanto, houve pouca diferença entre a pontuação dos itens não-verbais (7541) e de todos os grupos de itens verbais (7214, 7153 e 7599, respectivamente), o que pode revelar que itens não-verbais sem a oclusiva e itens no gerúndio (os únicos itens verbais aqui analisados) são igualmente penalizados; tais resultados necessitam de maior atenção em estudos futuros.

Quanto aos itens verbais, analisaram-se possíveis diferenças significativas quanto à conjugação verbal e a frequência de uso na língua. Os itens de 1ª e 3ª conjugação foram mais penalizados ao serem realizados sem a oclusiva, enquanto os itens de 2ª conjugação sofreram o oposto, sendo mais penalizados com a realização da oclusiva. Já quanto à frequência dos itens, observou-se que os participantes do teste atribuíram notas menores aos itens menos frequentes de 1ª e 3ª conjugação realizados sem a oclusiva, enquanto os itens menos frequentes de 2ª conjugação receberam notas maiores sem a oclusiva. Estes resultados são curiosos e apontam para necessidade de mais estudos futuros, especialmente a respeito de verbos de 2ª conjugação no gerúndio. Talvez, a exemplo do que Labov et al (2011) realizaram, seria interessante

verificar se haverá maior penalização à medida que houver um aumento na frequência da ausência da oclusiva nos estímulos do teste. Isto porque é possível que a ocorrência de apenas um estímulo por sentença sem a oclusiva não tenha sido suficiente para capturar o impacto da frequência na avaliação da variável: a avaliação parece não estar tão fortemente relacionada à frequência dos itens na língua, mas pode estar mais estreitamente associada à frequência do item por estímulo ou ocorrências seguidas de itens com a variável e sem a oclusiva.

Por fim, acreditava-se na possibilidade de maior penalização da ausência da oclusiva por parte das mulheres, com base em Labov (2008: 281), que argumenta que, "na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio". Porém, os resultados do presente estudo apontam que, apesar da pontuação geral ser menor por parte das mulheres, não há diferença significativa entre os dois sexos.

O teste foi realizado com participantes de nível universitário de forma exclusivamente remota devido à pandemia de COVID-19. Considera-se que a aplicação do teste em um ambiente que permita maior controle de forma presencial possa capturar os resultados com maior precisão, além de possibilitar a participação de grupos sociais mais variados, o que era a intenção original da presente pesquisa. Assim, espera-se que esse estudo seja um ponto de partida para trabalhos futuros mais aprofundados envolvendo a variável vN(d)o no português brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. **Língua, Uso e Cognição**. Maria Angélica Furtado da Cunha (tradução) e Sebastião Carlos Leite Gonçalves (revisão técnica). São Paulo: Cortez, 2016.

_____. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge, 2001. 237p.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)**. Tese de Doutorado. Stanford University, 2006. 282f. Disponível em: <http://www.ling.ohio-state.edu/~kbck/KCK_diss.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria N. de; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CRISTÓFARO-SILVA, T; GOMES, C. A. “Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares”. In: **Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares: para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística**. GOMES, C. A. (org). São Paulo: Contexto, 2020.

FERREIRA, J. S. **O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2010, 142 f.

FERREIRA, J. S.; TENANI, L. E.; GONÇALVES, S. C. L. **O Morfema do Gerúndio “ndo” no Português Brasileiro: análise fonológica e sociolinguística**. Letras & Letras, v. 28, n. 1, p. 167-188, 2012.

FREITAG, R. M. K; CARDOSO, P. B.; PINHEIRO, B. F. M. **Saliência na conservação de /d/ no segmento /ndo/: efeitos sociais e estilísticos**. In Gragoatá, Niterói, v.23, n. 46, p. 654-678, mai.-ago. 2018.

GONÇALVES, Dany. **Pronúncia variável de (NDO) na fala paulistana**. Dissertação (Mestrado em Letras) – USP, FFLCH, São Paulo, 2018.

GUY, Gregory. **As comunidades de fala: fronteiras internas e externas**. In: Abralín, 2001. Disponível em: <http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

LABOV et al. **Journal of Sociolinguistics**. Blackwell Publishing: p. 431–463, 2011.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso (tradução). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Sociolinguistic patters**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MELO, M. A. S. L. **Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social**. Tese (Doutorado em Letras) – UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2017.

MOLLICA, M. C.; MATTOS, P. **Pela conjugação das abordagens variacionista e difuscionista**. Revista de Estudos da Linguagem. Belo Horizonte, Faculdade de Letras, UFMG, v. 1, n. 1, p.53-63, 1992.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Letras) – USP, FFLCH, São Paulo, 2015.

PIERREHUMBERT, J. **Phonological representation: Beyond abstract versus episodic**. Annual Review of Linguistics 2, 33-52. 2016.

_____. **Probabilistic theories of phonology**. In R. Bod, J. B. Hay, & S. Jannedy (Eds.), Probability theory in linguistics (pp. 177-228). Cambridge, MA: MIT Press. 2003.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**; tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. [1968].